

A HISTÓRIA DA TERRA E DA HUMANIDADE (PARA ESCOLARES) DE JORGE DE LIMA¹

Cláudio Giordano

Damos aqui simples registro, desprovido de qualquer comentário e menos ainda de juízo de valor, dessa obra do poeta alagoano, a qual, por ser rara e desconsiderada pela crítica, torna-se praticamente invisível para a maioria dos leitores. No entanto é possível que ela explique muito das convicções do autor e venha a ajudar na interpretação de sua obra literária, em particular, a poética.

A *história da Terra e da Humanidade*, escreveu-a Jorge de Lima dentro do rigor católico, submetendo-se às devidas aprovações eclesiásticas: *Nihil obstat* e *Imprimatur*. É um relato teísta e moldado pela Bíblia judaico-cristã. Abaixo do título vem o registro “para escolares” e sua linguagem e estilo são marcadamente despojados e lineares, como convém a leitores iniciantes. Mas são feitas recomendações aos adultos:

É tarefa dos mestres e dos pais escolher ao longo deste livro a matéria que pode servir à criança escolar ou ao adolescente, de acordo com a idade e o tamanho, [...].

Antes disso e imediatamente após a folha de rosto, lê-se o seguinte texto, posto entre aspas:

A história atual é um longo *processus* decorrente do pecado original. Na vida do homem sem mácula não haveria história. A vida seria uniforme. Na História vemos o castigo do pecado e a libertação dele. Com o “suor de seu rosto” o homem procura recuperar os atributos de santo, perdidos pelo pecado. O rádio, a televisão, o dirigível e outros descobrimentos mostram de quanto é capaz a sua inteligência. A História, pois, é o detour do pecado: é, por isso, necessariamente ascensional. Parte do homem decaído vai a Cristo e terminará quando terminar o milagre cristão. A pré-história não é pois a pedra lascada: é a história do homem antes da queda.

A obra se abre (capítulos I e II) com o relato da criação do mundo e formação do povo judeu até o dilúvio, segundo o texto bíblico, acomodado aos conheci-

1 Empresa Editora ABC Limitada, Rio de Janeiro, 1937, edição cartonada de 220p. Esse material pertence à Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes e foi gentilmente cedido por Cláudio Giordano.

mentos da ciência. Os capítulos III a V tratam das civilizações orientais, dos gregos e dos romanos.

O capítulo VI, retoma a história dos judeus. A exposição se desenvolveu seguindo o relato bíblico até Cristo. Discorre depois sobre: Idade Média, Sucessores de Carlos Magno, As Cruzadas, Guerra dos cem anos, Alemanha e Itália. No capítulo XIII, intitulado “Assistência social da Igreja na Idade Média” inclui a América e o Brasil. O capítulo XIV tem dois tópicos. No primeiro fala das civilizações pré-colombianas e no segundo das invenções.

Os capítulos seguintes abordam: Reforma, Revolução Francesa, Napoleão, a América nos séculos XIX e XX, a Primeira Guerra Mundial.

Antes da bibliografia, sem título e em tipos menores encontram-se as páginas de reflexões. A bibliografia, de três páginas, não obedece ordem nenhuma, principiando com obras de Tristão de Ataíde e arrolando vários títulos em alemão, em francês, inglês, italiano e espanhol.

Reproduzimos a seguir o trecho do capítulo XIII, referente ao descobrimento do Brasil:

[...] Pedro Álvares Cabral devia sair na segunda-feira, 9 de março de 1500. D. Manuel, alegríssimo, acotovelou na tribuna real o capitão-mor e depois de passar-lhe às mãos o estandarte com as armas do reino, que o Bispo de Ceuta retirara do altar, enfiou-lhe na cabeça carinhosamente um barrete já bento e sagrado pelo próprio Papa. [...] Com Pedro Álvares iam dois dignos de menção: o guardião Frei Coimbra e Pero Vaz de Caminha — nosso historiador, aliás, quem escreveu até hoje as mais pitorescas páginas de História do Brasil. Em quatro dias parece que via toda a terra e entre o “Senhor” do começo da carta e o ponto final da sua assinatura curiosa, são sem conta os pontos e vírgulas com que alimentava a descrição e não deixava se interromper o fio das ponderações ao Rei. Arrolou tudo: papagaios, selvagens, palmas, palmitos, arcos, flechas.

No correr daquele estilo simples e tão colorido para em minúcias, como a pintura dos gíolos [sic] das indígenas. Toda a carta é um programa de colonização. Como que antevê a mestiçagem, descrevendo ao Rei certas excelências do material humano, insistindo no assunto repetidamente em gabos ao pessoal, com detalhes bem apanhados de etnólogo. Conta que a indiaria, no começo desconfiada, caiu em breve na pândega; bastou Diogo Dias, almoxarife, que foi de Sacavém, “homem gracioso e de prazer” levar para eles um gaitero e sua gaita, com suas danças e seus saltos reais, deram-se as mãos e fizeram tudo que o homem fez. Descreve a primeira missa que o Padre Frei Henrique cantou “em voz entoada e oficiada com aquela voz

pelos outros padres e sacerdotes que ali todos eram”. A bandeira de Cristo com que o almirante saiu de Belém “esteve sempre alta da parte do Evangelho” Depois da missa, “desvestiu-se o padre e pôs-se em uma cadeira alta e pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, e enfim dela tratou da nossa vinda e do achamento desta terra; conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediência vimos e a qual veio muito a propósito e fez muita devoção”. Diz que grande cuidado foi logo carpintarem um cruzeiro. Trouxeram-no para lugar alto onde o “capitão mandou fazer cova para o cantar” “os religiosos e sacerdotes diante, cantando, maneira de procissão”

Chantada a Cruz, com as armas e divisas de El-Rei, armaram altar ao pé dela e ali disse outra missa Frei Coimbra, a qual foi cantada e oficiada pelos frades já ditos, tendo comungado o capitão, vários outros da tripulação e os sacerdotes. Durante o ofício, quando o pessoal cristão caía de joelhos, ou batia peitos ou elevava as mãos ao levantarem a Deus, a indiaria imitava o gesto, a compunção e as atitudes devotas [...] Não se nota no historiador nenhum desapontamento por não ter visto ouro nem prata; há nele é a visão catequista (que só mais tarde o jesuíta teve) de incorporar o selvagem numeroso à escassa população reinol e elevá-lo pela fé: “porém o melhor fruto que nesta terra se pode fazer, me parece, que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar; e que aí não houvesse mais que ter esta pousada, para esta navegação de Calicut, bastaria, quanto mais disposição para nela cumprir e fazer o que vossa alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé”

Cláudio Giordano fundou e preside a Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes

